

O cinema da palavra de Eduardo Coutinho

Paulo Henrique Silva

No lugar das imagens de arquivo e da narração em off, sempre inseridas em nome da veracidade, o diretor de "Cabra Marcado para Morrer" (um dos melhores filmes nacionais realizados na década passada) e "O Fio da Memória" se deixa seduzir pelo depoimento do entrevistado. E não teme passar mentiras, utilizando-se de um gênero cada vez mais afeito aos modelos jornalísticos. "A memória é seletiva, você constrói o passado. Não é falso ou verdadeiro, é o passado reconstruído" - afirma Eduardo Coutinho, nesta entrevista exclusiva ao HOJE EM DIA. Considerado o maior documentarista do país, o cineasta esteve em Belo Horizonte entre os dias 20 e 22, para realização de vídeo para o Centro de Criação de Imagem Popular, sobre o "Circo de Todo Mundo" - escola do bairro Horto onde meninos carentes aprendem artes circenses. "Faço estes trabalhos para viver. Se vivesse só de filmes, estaria perdido", registra Coutinho, que fala a seguir sobre sua concepção de documentário e sobre "Santo Forte", o mais recente trabalho, ainda inédito em Belo Horizonte.

Em 16 anos, o senhor realizou apenas quatro documentários, um deles em vídeo, "Boca do Lixo". Essa produção é motivada pela precariedade cinematográfica brasileira ou pelo estilo perfeccionista, a exemplo de Stanley Kubrick?

Os dois. Uma das dificuldades foi a crise na época do Collor (que extinguiu as estatais Embrafilme e Concine, reduzindo a produção à casa de um dígito por ano). Outro motivo é que o tipo de filme que faço, dentro de um gênero difícil, que é o documentário, exige maior financiamento. É que capto as imagens em vídeo e depois transponho o material para película, num processo chamado kinescopagem. Em meu último trabalho, "Santo Forte", a Riofilmes me deu apoio. Seu presidente, o José Carlos Avelar, disse que não importa se é lápis de cor ou caneta tinteiro. O que importa é que o filme tem que ter qualidade de cinema. E "Santo Forte" tem. Hoje em dia, os filmes estrangeiros usam muito o vídeo, caso do Dogma 95 (movimento dinamarquês que lançou filmes como "Festa de Família" e "Os Idiotas").

Falando em Dogma 95, acredita que o cinema brasileiro pode se mirar neste movimento, realizando produções baratas e buscando novas experiências, com os cineastas saindo de seu universo pequeno-burguês?

Movimento não é uma coisa que se improvisa, depende das condições. Condições históricas levaram ao Cinema Novo. No Brasil de hoje, não existe movimento em setor nenhum. No caso do cinema, a crise continua terrível. Não adianta fazer filmes e não ter distribuição. Os cineastas estão mais preocupados tentando se virar com incentivos fiscais para viabilizar seu filme. Há uma fragmentação absoluta. O movimento conjunto é impossível por agora.

Concorda que prevaleça a visão pequeno-burguesa no cinema atual?

Não julgo o cinema dos outros, mas o cinema brasileiro tem um problema, que não chamaria de visão pequeno-burguesa, de falta de sintonia com o presente, de se ver inserido num país tão particular. Se continuar desta forma, não conseguirá sucesso nem lá fora nem aqui dentro. Ao tentar se aproximar de uma linguagem de TV, o cinema sempre perderá. Como chegar ao cinema diferenciado? Teremos uma novidade não seguindo esta fórmula, como no meu caso. A ficção tem tantas poucas chances de se pagar quanto o documentário. Por que não fazer, então, o documentário, que é mais barato? Faço filmes por prazer, senão o cinema seria muito chato. Só faço se acho necessário, faço aquilo que só eu poderia fazer. Milhões de pessoas podem fazer um filme sobre religião, mas, um filme com a minha perspectiva, eu duvido. Eu não sei se faço um cinema sobre problemas sociais, mas tenho certeza de que faço sobre o cotidiano da sociedade brasileira, particularmente dos excluídos, dos pobres.

Em quais aspectos seu cinema distingue-se dos outros documentaristas?

Através da palavra. "Santo Forte" é diferente do documentário tradicional, em que há o depoimento das pessoas, a narração, as imagens da atualidade e de arquivo. Ele tem 77 minutos e apenas de 5 a 10% são de imagem pura. O resto é gente que fala. Jogar esta carta ninguém está interessado. O que me interessa é ficar face a face. Por isso, odeio dar entrevista por telefone, por que não vejo o meu interlocutor. Se não vejo o outro, não existe o encontro. O encontro é traduzido em palavras, e não em gestos. A palavra é maravilhosa. Quando converso com uma pessoa, ela está olhando para a câmera, mas está respondendo a mim. Está fazendo para mim. Não esconde a câmera filmando.

"Santo Forte" tem vários planos que mostram a equipe conversando, a relação com o entrevistado, inclusive o pagamento de cachê. A câmera não tem um detector de mentiras. Como saber se o entrevistado está falando a verdade, baseando-se apenas na palavra?

Essa questão da mentira e da verdade passa a não existir. As pessoas falam como vivem a sua religião, como viveram o passado, sobre o cotidiano. A religião está muito ligada ao cotidiano. Ao invés de ficar escondida, a câmera tem que estar presente, pois ela capitaliza o imaginário da pessoa. Isso é o que me interessa. Toda a memória é falsa e verdadeira. O lembrar o passado, a época em que era criança, por exemplo, será diferente de quando lembrar daqui a 10 anos. A memória é seletiva, você constrói o passado. Não é falso ou verdadeiro, é o passado reconstruído. Os documentaristas tradicionais não gostam que o entrevistado fale muito tempo. Eu dou espaço, dentro do limite do possível, para que dê tempo de construir seu retrato. Esta construção tem muito a ver com o imaginário, de como ela gostaria de ser vista, mas isso não me importa. Não estou fazendo uma reportagem, um filme histórico. A informação não me interessa.

A construção do filme possibilita que o espectador também tenha essa posição distanciada em relação ao entrevistado, com a consciência de que este pode estar construindo uma realidade?

Quando o entrevistado cita um episódio, eu cito para o lugar onde aconteceu. Mostro o lugar vazio e silencioso. Dura uma cinco, seis segundos, como se eu dissesse que naquele espaço poderia ter acontecido o que está sendo dito. É o momento em que o espectador reflete sobre o assunto da maneira que quiser.